

## Trilha formativa e currículo: antagonismo na conquista de um propósito

(Reflexões em diálogos da educação na pandemia – COVID-19 (DIÁLOGO II))

Enilton Ferreira Rocha, 29. jun. 2020.

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/eniltonfrocha/>

### Resumo

Este texto apresenta reflexões sobre a importância da revisão curricular no caminho formativo acadêmico, fazendo um paralelo entre a educação corporativa e a educação formal, diante dos novos desafios e realidades impostos pela sociedade 4.0. Essa reflexão fica mais evidente neste momento de travessia pandêmica, COVID-19, com a disparidade entre esses dois modelos educacionais, evidenciando a urgência de mudanças curriculares na formação transformadora da sociedade pós pandemia.

**Palavras chaves: Pandemia - COVID-19, Educação 4.0, Trilha formativa, Universidade Corporativa, Ensino formal e Currículo acadêmico.**

Diferentemente das universidades corporativas onde esta conexão é bem conhecida e valorizada, no ensino formal ela se encapsula numa trajetória de desenho curricular onde se esconde da atenção e do dinamismo recebido na educação profissional.

Para conversarmos sobre esses caminhos opostos, creio que seja interessante algumas reflexões sobre ambos:

#### I. Estrutura curricular na educação formal

Há quase duzentos anos, concebeu-se no Brasil uma estrutura curricular para a trajetória formativa no ensino formal ou regular, secundário e seriado, configurando-se em um modelo direcionado e instrucional amparado em critérios religiosos e de atenção aos valores e interesses do império.

Segundo **ZOTTI**, a sequência clássica curricular da aprendizagem em nossos espaços educativos data-se de 1837, na criação do Colégio Pedro II em 2 de dezembro daquele ano, na configuração de segundo grau, marco da educação formal no país. Conforme Azevedo (1976),

o Colégio Pedro II, nesse plano de estudos, consagra um ensino secundário do tipo clássico, muito mais atrelado à tradição intelectual do país (diga-se da elite), de tradição europeizante, do que propriamente adaptado as condições do meio, portanto estudos de caráter desinteressado. Estes estudos são dirigidos aos filhos da classe abastada e cumpre a função de estudos preparatórios ao curso superior. Além disso, o caráter enciclopédico é evidenciado no número de disciplinas: o aluno inicia o primeiro ano com seis (6) e conclui com quatorze (14). (*apud ZOTTI, 2005, p. 36*).

Já naquela época a ideia sequencial, em disciplinas e baseada em conteúdo, como pré-requisito no ensino formal era determinante para o acesso ao ensino superior.

Observa-se nessa concepção histórica que o parâmetro regulador tinha como elementos centrais os interesses do império e os pilares religiosos, definindo desse modo os seus propósitos. Vê-se nessa intencionalidade a ausência dos anseios e das necessidades dos estudantes, bem como a ausência de avaliação dos impactos do ambiente externo à escola.

Do ponto de vista formativo e embora tenha decorrido quase dois séculos, o modelo educacional vigente não foge muito dessa referência curricular, sequenciada e de modo intransigente, definindo o caminho a ser percorrido pelos estudantes em sua trajetória educacional sem contudo adaptar-se às necessidades, constantes e voláteis, de transformação dos egressos para uma ação concreta no desenvolvimento social, político e econômico do país.

Noutra perspectiva, esse modelo clássico tem encontrado muitas dificuldades diante de novos contextos e realidades forjadas pelo avanço das tecnologias a partir do final do século passado, representadas por antagonismos entre esse modelo, sequencial e conteudista, e a pressão provocada pela modernização da indústria, apelidada de “revolução industrial 4.0”.

Na contramão da “sociedade 4.0”, o padrão curricular adotado no ensino formal convive com uma batalha constante nos bancos escolares e em espaços virtuais de aprendizagem, regulamentados pelo MEC, representada no estresse declarado pelos seus gestores, professores e alunos; pelo alto índice de evasão e o baixo nível de qualidade formativa. Enquanto o crescente movimento de novos hábitos assimilados pela sociedade contemporânea, usuária da “sociedade 4.0”, fortalece o surgimento de novos modelos de aprendizagem em espaços híbridos (combinação dinâmica de espaços, tempos, formatos, currículos flexíveis, métodos e mediação tecnológica), o currículo formal passa a ser desinteressante, maçante e descontextualizado.

Estudos e estatísticas comparados da qualidade da educação no Brasil, em especial do relatório PISA (*Programme for International Student Assessment*, 2015), dão a dimensão dessa defasagem ou desse desencontro entre o que se espera do propósito educacional no país e os nossos resultados, nossas realidades.

O agravamento desse indicador de qualidade recebeu um aditivo indesejado, a pandemia COVID-19, tornando mais transparente a fragilidade educacional traduzida na reação das universidades públicas e privadas, bem como das escolas de ensino básico, diante de situações complexas e de rupturas com o tradicional. De certo modo, a influência do pensamento e da prática curricular clássica vigente, do Colégio Pedro II, contribui com grande parcela na composição do quadro caótico em que se deparam o ensino presencial e a distância frente à ruptura pandêmica e à “migração” forçada da atividade acadêmica presencial para o ensino remoto.

Mesmo com o avanço conceitual e prático no campo do uso de novas tecnologias de comunicação e informação, bem como nas práticas metodológicas ativas como instrumentos de apoio pedagógico ou

andragógico, poucas foram as IES particulares que se habilitaram no resgate de algumas práticas já adotadas na oferta de EaD aos seus estudantes. Situação mais crítica se instalou nas IES federais que até o dia 14 de maio, dois meses depois de declarado o estado de alerta máximo da pandemia no país, apenas 6 instituições de 69, (9%), estavam oferecendo o ensino remoto aos seus estudantes. De 1,1 milhão de alunos dessas instituições, pouco mais de 100 mil tiveram aulas virtuais ou remotas configurando-se em um efeito negativo e danoso, uma vez que o ensino presencial, de modo geral, ficou “suspenso” pelo governo federal, conforme Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, modificada pela Portaria 345, de 19 de março de 2020, que autorizou a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durasse a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19:

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 87, parágrafo único, incisos I e II, da Constituição, e considerando o art. 9º, incisos II e VII, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, resolve:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017.

Em diálogos com professores, estudantes, pais, avós e outros registros na rede social, muitos declararam se sentirem desconfortáveis ou despreparados diante das dificuldades impostas pelos currículos engessados e instrucionais praticados antes da pandemia, somadas à precariedade da internet em algumas regiões brasileiras.

#### O pedido de uma avó:

**“Me ajude a criar 4 argumentos bem fundamentados para a minha filha dialogar com a escola das crianças que resiste de toda forma a usar tecnologia para ajudar no desenvolvimento dos alunos. A diretora entende que tecnologia na educação prejudica a mente dos alunos e ela está resistindo muito até hoje a viabilizar o estudo de conteúdos por pelo menos 1 hora por dia.” (WhatsApp, jun. 2020)**

#### Diálogo I:

**“[...] o maior desafio que enfrento é a interação com os alunos e vice-versa, mesmo que apenas visual. No início pedi para todos deixarem a câmera ligada, aí eu via os alunos, mas como a internet ficou pesada, agora só eu mostro a cara, e aí perdi o contato visual. Tento trazê-los para a aula, mas são poucos os que interagem, até por questões tecnológicas, mas estamos indo até melhor do que eu esperava. Outro problema são as avaliações, mas aí é outra discussão.” (Facebook, mai. 2020)**

#### Diálogo II

**“Vale o registro de que foi delicioso ver aqueles professores que entram em sala com o livro didático na mão, enchem o quadro de atividades e se acham os inventores da educação enlouquecidos com a nova forma de trabalho. Por outro lado, foi angustiante ver professores tão dedicados nas aulas presenciais terem que repensar toda uma vida de boas práticas e torná-las possíveis em formato remoto.” (O cotidiano do Professor em tempos de pandemia e seus desdobramentos (FONSECA, 2020)**

Esses diálogos podem significar a urgência em oxigenar e reformular os critérios e fundamentos do design curricular vigente, de modo a contingenciar mudanças repentinas ou viabilizar ações docente e discente em ambientes de aprendizagem dinâmicos, conectados, híbridos e contextualizados a partir de elementos pedagógicos ou andragógicos contemporâneos, criativos e inovadores.

Nesses cenários, percebe-se que a ausência de habilidades e competências dos seus principais atores transformou-se na suposição de que o ensino online ou remoto é o vilão do estado de confusão e de estresse gerado pela pandemia no ecossistema educacional brasileiro, contudo dados históricos demonstram que esse impacto decorre da falta de formação adequada dos professores e da falta de aparelhamento das IES para lidarem com a educação ou ensino remoto mediados tecnologicamente. Há também relatos de resistências à EaD, localizadas especialmente no ensino público, agravando o despreparo dos professores dessas IES para essa nova realidade imposta.

Desse modo, acredita-se que o propósito da educação formal, no Brasil, em sua maioria, não corresponde aos anseios da sociedade, em que pese toda a tentativa de transformação pela nova configuração das relações educação e sociedade, educação e empreendedorismo, educação e tecnologias mediadoras.

## **II. Trilha formativa na educação corporativa**

As organizações e as indústrias cansadas de esperar por uma mudança significativa na concepção curricular acadêmica que dialogasse com o empreendedorismo, com a formação profissional e tecnológica, com a pesquisa aplicada, com a transformação do processo industrial e de serviços criaram as universidades corporativas, como contraponto, fundamentadas em conhecimentos científicos, mas de grande aderência ao desenvolvimento da sociedade e da sua relação com o mundo empresarial.

Essas universidades colocam o propósito do estudante como centro da trilha formativa nas organizações, em atenção ao seu desenvolvimento pessoal e das suas habilidades e competências. Estabelecem como caminho para o desenvolvimento humano dentro da sociologia organizacional, em sua trajetória formativa, princípios burocráticos modernos, a criticidade e volatilidade do mercado competitivo, a influência das tecnologias digitais no comportamento social, na comunicação, na robotização de práticas industriais, práticas da saúde, da educação e de serviços antes realizados pelo homem.

Oferecem trilhas modulares e complementares para a escolha de caminhos e expertises profissionais e humanas que se moldam, dinamicamente, com a evolução pessoal e profissional de seus interessados, acompanhando a evolução de cenários incertos e complexos.

Em caminhos opostos, a educação corporativa busca reciclar, ressignificar e redesenhar, em processo contínuo, a formação industrial, comercial e empresarial baseada em princípios tanto futuristas quanto humanos, estratégicos e contemporâneos, de modo que o conhecimento apropriado, em suas trilhas formativas, dê aos seus egressos condições de empregabilidade, de empreender, de influenciar positivamente, e de modo criativo, o desenvolvimento do país. Mais recentemente, esse currículo recebeu

novas configurações para avaliar o desempenho técnico e gerencial de seus aprendizes, tendo como conteúdo basilar o comportamento humano e suas relações sociais no complicado mundo dos negócios e da gestão da coisa pública.

Outra característica importante e diferenciada diz respeito ao modo de organização da trilha ou currículo. Neste caso, o caminho formativo não se prende às disciplinas nem aos conteúdos - basilares centrais do currículo acadêmico, mas ao propósito formativo do egresso, flexibilizando a escolha de trilhas modulares e contextualizadas desenhadas a partir do grau de interesse pessoal ou de especialização/profissionalização institucional do estudante ou dos colaboradores. A montagem do itinerário formativo é dividida, via de regra, em três módulos conceituais e práticos baseados em projeto ou na problematização da aprendizagem, como por exemplo: (WR3 EaD) - I - Contextualização Histórica, Realidades e *Soft Skills do Propósito Formativo*, II - *Hard Skills*, Investigação, Análise, Desenvolvimento de Relatório Técnico/Produto e Qualificação III - Defesa da Produção de Relatório Técnico ou Produto cuja aprendizagem e avaliação se dão por meio do conhecimento apropriado durante o desenvolvimento de um produto, projeto ou solução de um problema concreto ou simulado. Em cada módulo o estudante poderá optar pelas trilhas que mais se adequam aos seus interesses pessoais ou de formação técnica gerencial ou de carreira. A combinação do interesse pessoal e institucional é negociada entre colaboradores e a instituição, resguardadas as expectativas do conhecimento estratégico institucional.

Do ponto de vista do cumprimento da carga horária e do conteúdo, a oferta modular e o ensino andam em paralelo, a partir da definição do propósito formativo. A certificação se dará com a aprovação final do produto ou do relatório técnico, que pode ser concluído antes do prazo previsto para a conclusão dos créditos correspondentes, dependendo do desempenho intelectual-cognitivo e técnico demonstrado pelo estudante.

Nessa perspectiva, o estudo de habilidades técnicas (*hard skills*) (proficiência em língua estrangeira, criação e inovação, produção intelectual técnica, pensamento *startup* e *patente*) e de (*soft skills* ou "*inteligência emocional*") habilidades de inter-relação ou relação com o outro, de conhecimento intrapessoal e habilidades para lidar com as diversidades da convivência social são objetos integrantes e essenciais dessa trilha formativa. Do mesmo modo, experimentar situações de estresse em que habilidades como resiliência, cooperação, colaboração, empatia e comunicação são pontos-chaves e indispensáveis para garantir a essência humana do estudante nos processos produtivos e sociais da aprendizagem corporativa, quer seja na liderança ou na sua trajetória organizacional, de modo a fortalecer a criação ou reformulação de trilhas formativas na educação corporativa.

### **Considerações finais**

Embora o propósito formativo da educação corporativa exerça uma forte pressão para reformulações no modelo clássico adotado no caminho acadêmico brasileiro, ainda são poucas as iniciativas para que mudanças de base sejam efetivas.

As justificativas são muitas: faltam políticas públicas estruturantes, humanizadoras e filosóficas; a formação do professor é precária; as mudanças nos currículos de formação de pedagogos e da licenciatura são profundas e complexas dadas às suas defasagens históricas; a falta de infraestrutura de acesso às novas tecnologias no meio acadêmico é determinante para o pensamento currículo-conservador; as universidades públicas possuem como centro e principal “status de qualidade” a especialização acadêmica de seus professores em detrimento dos demais elementos que compõem a qualificação técnica para a docência em tempos de sociedade digital guiada pela “internet das coisas”. Estas instituições, em sua maioria, ainda dão pouca importância às *soft skills* necessárias para a nova configuração da ação docente dentro e fora da sala de aula, em espaços de ensino e aprendizagem diversificados, conectados e ubíquos.

Enfim, motivos para a manutenção dessa firewall<sup>1</sup> não faltam, mas a considerar o futuro presente pós pandemia, o propósito formativo baseado em currículo tradicional estaria com os dias contados? Ou ainda esperamos por mais algumas décadas para percebermos mudanças significativas no diálogo entre o que se faz na educação corporativa e no tradicional sistema acadêmico brasileiro?

Acredito que a primeira questão seja a mais indicada, apesar de todos os entraves...A considerar a falta de iniciativa do MEC, o movimento rápido e transformador deixado pela pandemia parece reforçar esse indicativo.

Em contraponto, creio que não podemos desmerecer o potencial, de modo indireto, do ensino híbrido que além de mitigar os impactos negativos da pandemia sobre o processo educativo, pode ser implementado de imediato em suas várias configurações para um currículo inovador e futurista:

- ✓ híbrido em espaços virtuais conectados com atividades externas presenciais (atividades de aprendizagem, de laboratórios e de estágios profissionalizantes);
- ✓ híbrido combinando tecnologias de comunicação e informação em espaços de aprendizagem online
- ✓ combinando a utilização de softwares de atendimento personalizado – por meio de captação, análise e avaliação de sentimentos, de reações e atitudes em processo de aprendizagem multimeios e multiambientes;
- ✓ políticas e estratégias de gerenciamento híbrido e online do ensino e da avaliação, utilizando a inteligência artificial como mediação etc.

Nesse sentido, Moran, 2020, em “[A culpa não é do online](#)”, uma análise do contexto pandêmico e seus reflexos na prática educacional vigente, reafirma sua convicção de que os modelos híbridos e a revisão curricular serão fortes agentes transformadores do futuro presente.

A partir de agora os modelos híbridos se tornarão muito mais fortes, com maior integração entre a presença física e a digital, momentos síncronos e assíncronos. Precisamos ampliar a

---

<sup>1</sup> “Parede de fogo” de bloqueie ao acesso à educação transformadora (Rocha, 2020).

discussão e divulgação das formas de visibilizar a aprendizagem também nos espaços digitais, com as possibilidades que as plataformas oferecem - principalmente os e-portfólios- de registro, compartilhamento, observação da avaliação de cada estudante, avaliação entre pares e autoavaliação. A inteligência artificial começa a contribuir para conhecer as características de como cada estudante aprende, ajudar no desenho de itinerários formativos e sugerir alternativas personalizadas

São muitos os desafios na educação, em ambientes presenciais e digitais, num cenário tão complexo e carregado de incertezas. É prioritário dar ênfase e vivenciar valores humanos fundamentais. Educadores, gestores, estudantes e famílias precisam insistir em construir relações inclusivas, de afeto, de conhecimento, abertas ao diálogo, a partir de questões reais, de experimentação, pesquisa, de projetos socialmente relevantes onde os estudantes sejam protagonistas e utilizem todos os meios e tecnologias possíveis.

Temos que rever o currículo neste período, com maior autonomia docente e intenso compartilhamento de experiências, dificuldades, formas de engajar os estudantes através das diversas plataformas e aplicativos digitais, mas também da criatividade em chegar aos mais carentes com roteiros ativos e criativos impressos, sonoros e audiovisuais adequados para cada necessidade.

Nessa análise de profundas reflexões sobre o status quo do modelo educacional brasileiro conclui-se o quanto é urgente a criação de políticas públicas que reorientem os princípios basilares da educação no país, de modo a conectá-la com a sociedade 4.0 pela revisão de seus currículos. Isso se faz necessário na perspectiva de compreensão e aproximação com o novo perfil do estudante, geração digital, e suas expectativas de aprendizagem, cujos propósitos vão além da sala de aula e valorizam ações humanizadoras nas relações intra e interpessoal com a sociedade científica, com a escola e o mundo empresarial. Do mesmo modo, que o ensino formal promova, pela transformação, o desenvolvimento pessoal e profissional desse estudante e que seja gerador de oportunidades de trabalho e crescimento intelectual conectados e concretos.

#### **Referenciais:**

**ABED. EaD: antes, durante e depois da pandemia:** Disponível em: <<https://youtu.be/FavvaXU7GvQ>> Acesso em: 20. Jun. 2020.

**ABMES. Portarias 343 e 345/ MEC. Autoriza, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação.** Disponível em: <<https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-345-2020-03-19.pdf> e <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-343-2020-03-17.pdf> > Acesso em: 23. Mar. 2020.

**EAD EM PAUTA (SITE). Principais Formações em Educação Corporativa durante e pós pandemia.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GLdP7BBxUow>> Acesso em: 23. Jun. 2020.

**ESCOLAS EXPONENCIAIS (SITE). Heutagogia: a busca por autonomia e protagonismo no ensino em tempos de isolamento social.** Disponível em:

<<https://escolasexponenciais.com.br/tendencias-e-metricas/heutagogia-a-busca-por-autonomia-e-protagonismo-no-ensino-em-tempos-de-isolamento-social/>> Acesso em: 20. Jun. 2020.

**FONSECA, F. O cotidiano do professor em tempos de pandemia e seus desdobramentos.** Disponível em: <https://medium.com/@projeto.mimesis/mi-casa-es-su-casa-quando-a-sala-de-aula-vira-sala-de-estar-o-cotidiano-do-professor-em-tempos-44f148bae883> Acesso em: 21. Jun. 2020.

**IDEIA (SITE). Desafios da educação na sociedade 4.0.** Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=m8b5wZwW8WM&fbclid=IwAR3Z5EEAL3UjMJ8Od6EmtSJTmzlh2Qs1YcbDk6Wbz2yp4g\\_yx5ivEy4sns&app=desktop](https://www.youtube.com/watch?v=m8b5wZwW8WM&fbclid=IwAR3Z5EEAL3UjMJ8Od6EmtSJTmzlh2Qs1YcbDk6Wbz2yp4g_yx5ivEy4sns&app=desktop)> Acesso em: 22. Jun. 2020.

**MEISTER, J. C. Educação corporativa.** São Paulo: Makron Books, 1999.

**MEC/SEBRAE. Experiências Internacionais em Educação no mundo 4.0.** Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=d5bllMwy-b4> Acesso em: 22. Jun. 2020.

**MORAN, J. M. A culpa não é do online.** Disponível em: <[https://moran10.blogspot.com/2020/06/a-culpa-nao-e-do-](https://moran10.blogspot.com/2020/06/a-culpa-nao-e-do-online.html?m=1&fbclid=IwAR366LWc5PiU4E0KWFs1KMPq_0HsTLdRkrQQ4IaUbDWD6vAIBJq11yU9dtl)

[online.html?m=1&fbclid=IwAR366LWc5PiU4E0KWFs1KMPq\\_0HsTLdRkrQQ4IaUbDWD6vAIBJq11yU9dtl](https://moran10.blogspot.com/2020/06/a-culpa-nao-e-do-online.html?m=1&fbclid=IwAR366LWc5PiU4E0KWFs1KMPq_0HsTLdRkrQQ4IaUbDWD6vAIBJq11yU9dtl)> Acesso em: 21.jun. 2020

**PORTAL G1. Só 6 das 69 universidades federais adotaram ensino a distância após paralisação por causa da Covid-19.** Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/14/so-6-das-69-universidades-federais-adotaram-ensino-a-distancia-apos-paralisacao-por-causa-da-covid-19.ghtml> Acesso em: 23.jun.2020.

**RAMOS, G. S. Um novo espaço de (con)formação profissional: a Universidade Corporativa da Companhia Vale do Rio Doce - VALER e a legitimação da apropriação da subjetividade do trabalhador.** Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/ Instituto Oswaldo Cruz, 2007.

**ROCHA, E.F. Diálogos da educação na pandemia - Diálogo I.** Disponível em:

<[http://abed.org.br/arquivos/Dialogos\\_da\\_educacao\\_na\\_pandemia\\_Enilton\\_Rocha.pdf](http://abed.org.br/arquivos/Dialogos_da_educacao_na_pandemia_Enilton_Rocha.pdf)>

Acesso em: 22. Jun. 2020.

\_\_\_\_\_ **Modelos híbrido e online em transformação: considerações de um debate.**

Disponível em:

<[http://www.abed.org.br/arquivos/Modelos\\_hibrido\\_e\\_online\\_em\\_transformacao\\_enilton\\_rocha.pdf](http://www.abed.org.br/arquivos/Modelos_hibrido_e_online_em_transformacao_enilton_rocha.pdf)>

Acesso em: 22. Jun. 2020.



**Modelos híbrido e online em transformação.** Disponível em:  
<[http://abed.org.br/arquivos/Hibridismo na Educacao Enilton Rocha.pdf](http://abed.org.br/arquivos/Hibridismo_na_Educacao_Enilton_Rocha.pdf)>. Acesso em: 22. Jun. 2020.

**SANTOS, A. F. T.; RIBEIRO, N. C. F. Educação Corporativa.** Disponível em:  
<<http://www.sites.epsiv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/educor.html>> Acesso em: 21.jun.2020.

**ZOTTI, S. A. Ensino secundário no império brasileiro: considerações sobre a função social e o currículo do Colégio D. Pedro II.** Revista HISTEDBR On-line. Disponível em:  
<[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis18/art04\\_18.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis18/art04_18.pdf)> Acesso em: 22. jun. 2020